

REFLEXÕES SOBRE A BUSCA PELO SENTIDO HUMANO NA EDUCAÇÃO

REFLECTIONS ABOUT THE SEARCH FOR MEANING IN HUMAN EDUCATION

REFLEXIONES SOBRE LA BÚSQUEDA POR EL SENTIDO HUMANO EN LA EDUCACIÓN

Regina Célia Alves da Cunha¹

João Henrique Suanno²

Resumo: O presente estudo parte de uma revisão de literatura sobre as concepções do indivíduo e suas formações desenvolvidas e construídas nos processos educativos. Considerando a exigência de uma aproximação referente às concepções de educação e linguagem para a formação do indivíduo, remete-se à seguinte questão problematizadora: quais são os caminhos para construir uma educação cuja principal referência seja o ser humano? A relevância em refletir sobre o tema em questão é buscar elementos que ressaltem a instância humana nos processos educativos. Objetiva-se refletir sobre o indivíduo no seu processo formativo intelectual; para tanto, parte-se do conceito de indivíduo, relacionando-o com a mentalidade formadora, cujas concepções vão sendo constituídas pelas esferas que compreendem este sujeito. Ressalta-se também o entendimento filosófico e ideológico arraigado pela linguagem, que movimentam consciências. Portanto o ato de educar deve ser refletido e analisado mediante profundas observações, considerando uma epistemologia ainda envolta por ideias mecanicistas positivistas, que influenciam fortemente a concepção de estudos, o modelo de homem, os processos pedagógicos, a cultura e a formação escolar.

Palavras-chave: Educação. Indivíduo. Psicologia das massas. Civilização. Sentido humano.

¹Mestranda do curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás, sob orientação do professor Dr. João Henrique Suanno. Psicóloga, 2000, UCG/GO. reginayn@hotmail.com

²Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona/ES. Doutor em Educação, 2013, UCB/DF. Mestre em Educação, 2006, Universidad de la Habana/PUC-GO. Psicopedagogo, 1994, UCG/GO. Psicólogo, 1991, UCG/GO. Vice-Coordenador e Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás. Professor efetivo, dedicação exclusiva e produtividade da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Membro do grupo de pesquisa Ecologia dos Saberes, Transdisciplinaridade e Educação (ECOTRANS), coordenado pela profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Pesquisador colaborador no projeto Docência Transdisciplinar: a complexidade de uma prática a ser construída a partir de cenários e redes de aprendizagem integrada e ecoformadora. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC-UB) e RIEC-Brasil. suanno@uol.com.br

Abstract: The present study starts from a literature review about the individual concepts and their built and developed training courses in education processes. Considering the requirement of a related approach to the concepts of education and a language training for the individuals, it refers to the following problem's question: What are the ways to build an education whose the main reference is the human being? The relevance to reflect on the issue at hand is to seek elements that underscoring the human body in the educational processes. The objective is to reflect on the individual in his intellectual formation process, then it starts by the individual concept, linking it to the forming mentality, whose views are being constituted by spheres which comprising this subject. It also emphasizes the ideological philosophical understanding rooted in language, that move consciences. Therefore the act of teaching should be reflected and analyzed in deep observations, considering an epistemology still shrouded by mechanistic positivist ideas, strongly influencing the design of studies, the male model, the pedagogical processes, culture and school education.

Keywords: Education. Individual. Psychology of the masses. Civilization. human sense.

Resumen: El presente estudio comienza con una revisión de la literatura sobre las concepciones de individuo y sus formaciones desarrolladas y construidas en los procesos educativos. Considerando la exigencia de una aproximación que relacione las concepciones de educación y el lenguaje para la formación del individuo, se podría plantear la siguiente cuestión problemática: ¿cuáles son los caminos para construir una educación cuya referencia principal sea el ser humano? La relevancia para reflexionar sobre el tema en cuestión es buscar elementos que pongan de relieve la instancia humana en los procesos educativos. El objetivo es reflexionar sobre el individuo en su proceso de formación intelectual partiendo del concepto de individuo y vinculándolo a la formación de la mentalidad formadora, cuyas concepciones están siendo constituidas por las esferas que comprenden este sujeto. También se pone de manifiesto la comprensión filosófico-ideológica enraizada en el lenguaje que moviliza conciencias. Por lo tanto, el acto de enseñar debe ser reflexionado y analizado a través de profundas observaciones, teniendo en consideración una epistemología que aún está revestida por las ideas mecanicistas y positivistas que influyen fuertemente en la concepción de los estudios, el modelo de hombre, los procesos pedagógicos, la cultura y la formación escolar.

Palabras clave: Educación. Individuo. Psicología de masas. Civilización. Sentido humano.

1 INTRODUÇÃO

Na busca por compreender que o ser humano não é só visto no âmbito individual, como também no coletivo, preza-se um olhar para a psicologia das massas e o mal-estar da civilização e procuraram-se fontes inspiradoras nas discussões de Adorno (1995), Bakhtin (2009), Cambi (1999), Chibeni (1992), Franco

Júnior (2001), Freud (1996, 2011), Horkheimer e Adorno (1978), Husserl (2002), Morin (2005, 2011) e Suanno (2015), a fim de refletir melhor sobre a coletividade, a individualidade e a educação. Buscam-se elementos que figurem o sentido humano nos processos educativos que movem essa reflexão, cujo texto tem como ponto de partida a compreensão conceitual sobre o termo indivíduo. Tal concepção foi gerada e consubstanciada por movimentos históricos, políticos, sociais e econômicos no final da Idade Média, iniciando a Idade Moderna. O indivíduo nasce e é alimentado dentro destas esferas, imbuído de uma mentalidade que caracteriza a visão de homem e do mundo.

Com o olhar adorniano, segue-se o pensamento para que Auschwitz não se repita. A barbárie enfrentada pelo campo de concentração determinou um extermínio humano e isso não pode ser minimizado como um fato superficial no curso da história. É preciso vincular esse acontecimento a uma expressão de uma tendência social imperativa. Precisa-se reconhecer os mecanismos que tornam os sujeitos capazes de cometer tais atos e assim revelá-los a eles. É necessário despertar consciências, pois nem mesmo eles conseguem compreender o que fizeram, são sujeitos culpados, mas que estão “desprovidos de consciência”.

Em conformidade com visões freudianas, identifica o sujeito como singular, mas ao mesmo tempo plural, ou seja, ele apresenta e se faz constituído como um ente à parte social, e desvelam-se aspectos de estado instintivo do ser humano, que são inibidos devido à convivência comunitária. É necessário, sobretudo, entender como a pressão civilizatória ocorre, causando uma heteronomia nos humanos, tornando-os dependentes de normas, desapropriando-os de uma autocrítica e reflexões pertinentes para o entendimento da massificação humana.

Aliada à mentalidade formadora de comportamentos e pensamentos, está a concepção da linguagem e, conforme Bakhtin (2009) revela, a palavra insere um papel ideológico por excelência, sendo um veículo utilizado na comunicação cotidiana, revelando-se, de forma intrínseca, ligada aos processos de produção e às esferas de diferentes ideologias como a religião, moral, ciência, etc.

A linguagem reflete a realidade, cristalizando-a e ao mesmo tempo revitalizando práticas sociais. O ato de educar é essencialmente dirigido pela linguagem em suas diversas formas de apresentar. Os signos são (re)construídos

por elementos audiovisuais que se encontram nas inter-relações com o meio. Mas quais são os passos para desenvolvê-los de forma crítica frente à massificação humana?

Diante de visões complexas acerca do ser humano e suas relações, busca-se refletir sobre a indagação seguinte: quais caminhos para construir uma educação cuja principal referência seja o ser humano? A conscientização movida por atitudes críticas desperta pensamentos que podem ser contrários a uma incivilidade, libertando de práticas reducionistas reprodutivistas. Aprender a pensar por outros caminhos, buscar novas visões que não se prendam a somente um aspecto, seja ele político, econômico, social, mas que abarquem a multidimensionalidade humana, requer esforços singulares, mas também coletivos. Volta-se para uma recriação de encontros, diálogos, cooperações, responsabilidades, percorrendo por uma outra via.

2 O INDIVÍDUO

A Idade Média ditava um mundo estático, conduzido pelo paradigma que se instaurava na visão geocêntrica aristotélica do mundo e conseqüentemente movimentava a concepção humana, resultando em uma construção social feudal. O caráter racional de uma cultura aristocrática greco-romana, junto à imersão do cristianismo, que em sua conjuntura separa o bem do mal, o verdadeiro do falso, em contradição com um caráter ambíguo da cultura folclórica, instaurava o fosso cultural da época (FRANCO, 2001). Esta visão traduzia um monopólio cultural e intelectual pela Igreja, visto que o homem era o único ser no universo e o clero representante de Deus na Terra.

O período moderno é remontado pela concepção de indivíduo que, por sua vez, dotado de autonomia de pensamento, é conduzido por uma capacidade de expressar sua subjetividade, oriunda de uma assimilação das formas de pensamento e linguagem, sendo passível de ser responsabilizado pelos seus atos (HORKHEIMER; ADORNO, 1978). Esta concepção não descarta o que já ocorria na Grécia Clássica – o homem e suas concepções e produções técnicas, artísticas e filosóficas –, porém, diferentemente da antiguidade, a concepção moderna traduz

essa individualização como um átomo social munido de uma elucidação própria sobre sua constituição, compreendendo o espaço psíquico tal qual como se vê hoje.

O mundo público passa a estar em contradição com a esfera privada, embasada pela noção de liberdade, cuja tradução deveria ser noção de autoridade. Uma submissão à autoridade, que implica o consentimento dado por uma subjetividade: falsa liberdade, ou seja, deve-se ser livre para submeter-se, pois o surgimento de uma nova forma econômica precisa de bases seguras para aceitação. Assim como na Idade Média os dogmas mantinham a reprodução de uma sociedade feudal, abre-se um espaço para uma outra forma de dominação que seria fortemente edificada pela consciência, com o propósito de uma forte sustentação econômica. O sujeito se expressa por um mundo externo, compreendido como empírico, existencial, mas, nessa tal libertação, a opressão da consciência depositada pela forma de dominação é negada, constituindo como base do indivíduo, distanciando-o de interesses racionais, para aqueles que servem à sociedade, edificada por uma desrazão (HORKHEIMER; ADORNO, 1978).

O sujeito moderno, na concepção de Cambi (1999), é por si individual e consciente, contudo radicalmente governado e institucionalizado pelas regras limitantes do meio social. Ele então ganha ascensão em uma sociedade anteriormente estática, sendo possível buscar sua mobilidade através de suas atitudes próprias, no entanto é refém deste meio, pois uma pessoa que adquire conceitos, regras, pensamentos desta sociedade “cada vez menos pode viver sem ela ou longe dela” (CAMBI, 1999, p. 279). O homem é colocado na posição de senhor, esquecendo a servidão, contudo escravizando a consciência, que é ditada pelos interesses de poucos, e configurado por colocar as ideias em ordem, a fim de que o mundo fique organizado (HORKHEIMER; ADORNO, 1978). Cria-se uma mentalidade formadora de comportamentos e pensamentos, para reproduzir tal sociedade, e o ser humano envolvido por esse espaço social, político e econômico constrói realidades acerca destas visões.

Adorno (1995) articula suas ideias, ao falar da claustrofobia dos sujeitos, e afirma que eles se localizam em espaços cada vez mais socializados e administrados, ocasionando a perda de identidade e a potencialidade, juntamente com as suas qualidades, e assim se identificam como cidadãos confiáveis, que se

encontram em uma heteronomia, dependentes de mandamentos, normas. O iluminismo, fatores psicológicos, sociais e econômicos assumem um caráter de autonomia. Encontra-se um sujeito singular, porém aprisionado por valores, pensamentos, comportamentos, ditados por uma opressão que domina a consciência, portanto é necessário educá-lo em conformidade com a mentalidade dominante.

Para Adorno (1995, p. 120), a discussão em torno da educação merece um olhar especial contra o “princípio de Auschwitz”, e só tem sentido educar-se em uma autorreflexão crítica. O autor diz que a não repetição da barbárie implicaria uma real ameaça de uma regressão, com suas raízes em posições objetivas contrárias à falta de esclarecimento, de conscientização, a fim de não “cair presas da retórica idealista”. Adorno (1995) insiste dizendo que Auschwitz não pode ser minimizado como um fato superficial no curso da história, mas a expressão de uma tendência social imperativa. Ele acredita que é preciso reconhecer os mecanismos que tornam os sujeitos capazes de cometer tais atos e assim revelá-los a eles, despertando uma consciência, no intuito de impedir que os façam novamente, pois estes sujeitos culpados estão “desprovidos de consciência” (ADORNO, 1995, p. 121).

Portanto a incivilidade, através de uma psicologia de massa produzida pela própria sociedade, representou Auschwitz: uma opressão civilizatória ocasionando uma fúria principalmente contra os mais fracos, milhões de pessoas assassinadas de uma forma planejada por um nacionalismo agressor. Um indivíduo cada vez mais socializado e educado de modo acrítico, não conscientizado criticamente de suas ações, como afirma Adorno (1995): “A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e o individual juntamente com seu potencial de resistência.” Isso reflete a análise freudiana, e “o mal-estar da civilização e psicologia das massas ajudam a entender as causas de enorme escala intensificada pela pressão da civilização”.

3 O INDIVÍDUO DENTRO DA SOCIEDADE INSTITUCIONALIZADORA PELA CULTURA DA MASSA

Na abordagem psicanalítica, Freud (1996) realiza seus estudos organizados dentro dos processos psíquicos da humanidade. Em uma das suas contribuições, revela a fundação do Eu como uma instância que discerne o mundo interior do mundo exterior, o subjetivo do objetivo. Porém o Eu não é somente consciência segura, firme, que permite distinguir a interioridade, sentimentos e pensamentos frente a uma realidade; existe algo além e profundo, subterrâneo e irracional, o inconsciente. O Eu para Freud (1996, p. 286) se caracteriza por uma aparência enganosa: “O Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada”. O Id está representado por desejos, mas é reprimido pelo ego devido a determinantes externos que estão ligados ao indivíduo social.

A visão freudiana identifica o indivíduo como singular, mas ao mesmo tempo plural, constituído como um ente à parte social e pertencente à sociedade, desvelando aspectos de estado instintivo do ser humano, que são inibidos devido à convivência comunitária. Os desejos do Id são reprimidos ou podem até ser sublimados e, em consonância com Freud (1996), a inibição resulta em descontentamento, ou seja, o homem civilizado é infeliz ao buscar a felicidade, pois seus instintos devem ser recalçados, determinando assim o que ele chamou de mal-estar na civilização. “O Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante angústia de consciência.” (FREUD, 1996, p. 286).

Freud (1996) revela que a sociedade transforma a natureza humana individual e a constitui em uma sociedade que exige sacrifícios, tais como afastar a satisfação sexual, seus desejos e a agressividade, tornando assim um paradoxo humano, os desejos conflitando com as regras impostas pela civilização, ou seja, a sociedade civilizada reprime seus instintos e acaba produzindo neuroses e infelicidade.

O civilizado, ao sacrificar seus instintos, aumenta a culpabilidade, gerando dessa forma um mal-estar que revela frustração e culpa. O ser está privado em Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 2, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2016.

satisfazer parte de sua personalidade, ou de sua natureza, e assim ele acaba por compreender que a liberdade não constitui um dom da civilização, ao contrário, seu desenvolvimento impõe restrições, exigindo que não se fuja a elas. A civilização é, pois, construída por uma renúncia de pulsões, pressupondo a não satisfação de instintos poderosos e, em suas últimas instâncias, que incluem as relações dos humanos entre si, está na ética.

A fim de explicar sobre o comportamento individual em contextos grupais, Freud começa sua discussão recusando uma separação entre a psicologia individual e a social:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado. (FREUD, 2011, p. 14).

A psicologia das massas ou social tem o ser individual como um sujeito que compõe um mesmo grupo, um povo, uma classe ou até uma aglomeração que se dispõe como uma massa. Este coletivo possui como intencionalidade o envolvimento e caracterização do humano e passa a influir notoriamente na vida psíquica do sujeito. Os fenômenos que aparecem dentro destas situações sintonizam como um instinto social. A função da formação das massas estaria na autopreservação, considerando-se o tipo de ligação no interior da massa como um instinto amoroso, mas também identificações como um conceito-chave para compreender a reciprocidade ligado à massa (FREUD, 2011). O indivíduo cria vínculos e sentimentos de pertencimento ao grupo e o adere pela amorosidade com esse grupo.

Freud (2011, p. 17) define massa usando as palavras de Le Bon, ressaltando que, por mais que os humanos não sejam semelhantes entre si, “o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva”. Esta alma une atos, pensamentos, sentimentos, que talvez não o fizesse ou sentisse se estivesse isoladamente, destacando a ideia como “o heterogêneo submerge no homogêneo.” (FREUD, 2011, p. 20).

A ideia de Le Bon no texto de Freud (2011) articula que, quando o sujeito se apoia na massa, ocorre a ideia de uma “massa anônima”, não há uma definição para o coletivo, o que pode caracterizar uma não responsabilidade dos atos e comportamentos pelo grupo. Essa ideia garante um poder de invencibilidade, pois os

Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 2, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2016.

sujeitos são fortalecidos, e isso lhes permite ceder instintos, os quais em sua grande maioria os retêm enquanto indivíduos ao agir individualmente, sendo, portanto mais fácil fazê-lo, pelo fato de não serem responsabilizados, permitindo livrar-se de repressões. Os atos, os sentimentos dentro de uma massa são contagiosos, o indivíduo sacrifica seus próprios interesses em razão do coletivo. Por isso a concepção adorniana de conscientizar aqueles que não estão desprovidos de consciência.

A sugestionabilidade é um fator importante, pois dá características especiais ao grupo, que poderia não ser encontrado se o sujeito estivesse isolado. Contudo Freud considera que a sugestionabilidade não é um ponto forte para explicar as mudanças dos sujeitos no grupo. Ele articula a ideia de que o indivíduo age por uma identificação com o objeto amoroso, e tal objeto se encontra no Eu ideal. O líder é admirado e ocupa um lugar simbólico, paterno.

Freud, ao definir grupo, diz ser “um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego” (FREUD, 2011, p. 147). Todos estariam voltados a uma só crítica, a uma só visão determinante e sustentadora. Portanto, compreende-se que, ao referir as massas, Freud revela que envolve uma identificação, e a explicação para as ações do grupo se dão ao grau de distância entre o ideal de ego e o ego ideal, movidos por amorosidade e identificação com o objeto.

O indivíduo na massa foge dele mesmo, sendo alguém coletivo, capaz de despertar uma personalidade que não está no seu consciente. Orientado, determinado, contagiado e identificado por sentimentos e ideias que reforcem o grupo e inundem comportamentos que caracterizam os pensamentos reforçados e sugeridos pelo meio, em busca do amor ideal ao objeto de desejo. O sujeito revela uma diminuição de sua capacidade intelectual, que por sua vez está dissolvida no coletivo. Esta massa não conhece dúvidas, incertezas; conservadora de opiniões que distinguem o verdadeiro do falso, perpetua pensamentos ideológicos, criando uma ordem funcional de padrões estabelecidos, excluindo os interesses e desejos pessoais.

A massa, consoante Morin (2005), precisa constituir uma força conquistadora através de conteúdos que atinjam as necessidades privadas, afetivas, ligadas à felicidade, ao amor, imaginárias à liberdade, matérias que se relacionem ao bem-estar, culturizando o sujeito. A massa, porém, passa então a criar um mundo, uma realidade a partir de suas intenções, desapropriando a naturalidade humana. O motor que fortifica o coletivo segue pelo desenvolvimento técnico e industrial, ditando e criando novas condições de vida, emergindo novas necessidades individuais, desenvolvendo a mundialização.

A cultura da massa, portanto, promove um homem moderno e universaliza-o, e o faz procurar a felicidade afirmada pelos valores, concepções da nova civilização, assim a massificação promove modelos a todos os domínios que afetam o indivíduo, como: relação amorosa, vestimentas, saber viver, edificações, moldes práticos e afetivos aclimatados por uma civilização tecnicista (MORIN, 2005).

É possível perceber na fala de Morin (2005, p. 180) que a cultura de massa ressalta uma grande importância a interesses alheios e não se encontra com a questão interior do homem “em luta consigo mesmo, com a vida, com a morte, com o grande mistério do universo”, afinal, qual o sentido humano? Qual o nível de consciência por estar sendo consumido pela massa determinante? Há uma superficialidade dos acontecimentos, reais e imaginários. Tudo ao seu redor é criado e sugestionado, anulando a essência da natureza humana.

4 FILOSOFIA DA LINGUAGEM

O dinamismo das comunicações, mundialmente falando, desempenham um papel motor. As redes são, por assim dizer, um sistema nervoso planetário desenvolvido ultrarrapidamente que vai influenciando o desenvolvimento global e disseminando a cultura das massas. A linguagem, em suas várias apresentações audiovisuais, garante-se como um fio condutor de ideias, expressas nas mais diversas formas do seu acontecimento.

Portanto, é de real importância compreender a filosofia da linguagem, à medida que se queira compreender o conceito de indivíduo e a psicologia das massas. Por isso, é importante visualizar considerações feitas por Bakhtin (2009), em que revela que a palavra insere um papel ideológico por excelência, sendo um

veículo utilizado na comunicação cotidiana, apresentando-se de forma intrínseca aos processos de produção e às esferas de diferentes ideologias, como a religião, moral, ciência, etc.

A linguagem se faz presente nas relações entre os sujeitos, por isso indica transformações sociais, ou seja, um signo é assinalado pela época em que se situa e pelo grupo que o compõe, portanto ele pode ser modificado pelas formas de organização ou interação social (BAKHTIN, 2009). Presume-se que a questão ideológica, conforme visão bakhtiniana, não se apresenta simplesmente como algo pronto e já acabado ou vivendo somente na consciência do indivíduo, porém emerge algo além sobre essa questão, encontrada em todas as discussões filosóficas, seja na constituição de signos ou até mesmo na constituição da subjetividade.

Os signos possuem conteúdos ideológicos, mas estes são movimentados entre várias consciências, não os solidificando, tornando-os absolutos. A construção do conceito, então, faz movimentos entre a instabilidade e a estabilidade, e não puramente uma estabilização oriunda pela aceitação do sistema e da estrutura; constrói o conceito na concretude do acontecimento e não na perspectiva ideológica. Ele se torna real à medida que o indivíduo o constrói no seu cotidiano e assim pode ser reconstruído, alterado pela ligações e inter-relações de convivência com o meio, visto que, segundo Bakhtin (2009, p. 46), “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”.

O resultante do entrecruzamento dos níveis de valores apresenta um signo vivo, móvel e capaz de evoluir. O signo ideológico vai sendo caracterizado pela classe dominante, a fim de ocultar a luta de classe, contudo também se constrói uma ideologia do cotidiano, que é construída nos encontros casuais e fortuitos, na proximidade social aos modos de produção e reprodução da vida. Compreende-se a existência de uma ideologia oficial e do cotidiano, ambas formando o contexto ideológico, consecutivamente de maneira estável e instável, em uma relação recíproca, visualizando o processo global de produção e reprodução social.

Na questão ideológica sobre o olhar bakhtiniano, pode-se afirmar, em suma, que a linguagem reflete a realidade, ao passo que se cristaliza e é um reflexo nas práticas sociais. Portanto ela é determinada e determinante na construção ideológica, porquanto coloca sobretudo ao indivíduo características de ver a

realidade, constituindo consciências entrelaçadas por um espaço social ideológico, como também entre as relações cotidianas.

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica. Existem homens que não deixam de ser venerados pelos contemporâneos, embora sua grandeza repouse em qualidades e realizações inteiramente alheias aos objetivos e ideais da multidão. Provavelmente se há de supor que apenas uma minoria reconhece esses grandes homens, enquanto a maioria os ignora. Mas a coisa pode não ser tão simples, devido à incongruência entre as ideias e os atos das pessoas e à diversidade dos seus desejos. (FREUD, 1986, p. 286).

Considerando o olhar bakhtiniano com as palavras de Freud citadas anteriormente, compreende-se que o indivíduo não está constituído somente pela lógica do sistema, determinante de uma sociedade que consome sua subjetividade. Ele também é constituído por um mundo em que a linguagem, em todas as suas formas, transforma ambientes sociais e o transforma, sendo produtos e produtores. Suas ideias partem de um coletivo, mas também de uma diversidade singular humana, e são confrontadas e construídas ao longo do desenvolvimento, juntamente com interação dos indivíduos. O sujeito busca realizar-se através de identificações, podendo estar recheado de desejos conflitantes com o coletivo ou não, em uma diversidade infinita, nas suas respectivas esferas social, religiosa, científica, sendo determinante de sua realidade.

No século XX houve revoluções profundas vindas principalmente da física. Os físicos fizeram uma releitura do mundo, inaugurando um momento novo através da física quântica, que significou uma reconceitualização da natureza, que por sua vez está ligada ao mundo, ao outro e a si mesmo, primordialmente no que se refere à essência. Os físicos passaram a indagar a realidade de como as coisas são feitas, investindo na natureza da composição atômica, no seu modo mais íntimo, buscando respostas de quais estruturas fundamentais compõem a realidade. Esta mudança começou na década de 1920, quando Max Planck tentava explicar o espectro de radiação do corpo negro (CHIBENI, 1992). Este físico notou que:

As coisas que formam o mundo não podem ser descritas nem como corpúsculos nem como ondas, embora sempre se comportem ora como estas, ora como aqueles, dependendo da situação. Não há uma ontologia visualizável que permita unificar essa descrição. (CHIBENI, 1992, p. 8).

Descobriu que havia uma descontinuidade na matéria, ora se projeta em corpúsculos, ora em ondulações, dependia de qual instrumento de medida usava, e às indagações que se faziam, havia diferentes respostas. A realidade, então, não tinha uma expressão única, nem tão pouco uma existência em si mesma, ela surge conforme se pergunta, a observação e as variáveis que circundam podem ser interpretadas e analisadas em inúmeras circunstâncias. O mundo que se projetava sólido já não é mais, provocando a importância de um sujeito observador que desvela a realidade de modo subjetivo

O observador agora aparece em destaque, pois o objeto não tem uma existência em si mesmo sem a presença do sujeito. A realidade encontrada se revela conforme apresentada para o indivíduo em questão. A fenomenologia de Edmund Husserl (2002) no século XIX, com objetivo de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo, descreve o mundo como uma aparição para o sujeito, assumindo seu papel, não mais como passivo, aquele que recebe a informação e tem que processá-la puramente com ela é, e sim como o agente do processo: ao observar a realidade, transforma e constrói sua consciência atribuindo significados. O sujeito passa a ter influência decisiva naquilo que descreve, portanto indivíduos não interpretam da mesma forma, ao descreverem um objeto, incluem toda a história de vida pertencente a si mesmos, compondo com sua subjetividade os objetos. Aquele sujeito em questão é singular, único.

O investigador da natureza não se dá conta de que o fundamento permanente de seu trabalho mental, subjetivo, é o mundo circundante (*Lebensumwelt*) vital, que constantemente é pressuposto como base, como terreno da atividade, sobre o qual suas perguntas e seus métodos de pensar adquirem um sentido. (HUSSERL, 2002, p. 90).

5 EDUCAÇÃO COM REFERÊNCIAS À HUMANIDADE

O meio social sofre modificações, edificando um sujeito moderno, nascido com a profissionalização, com a mudança de uma nova sociedade envolvida pela industrialização, saindo de uma centralidade da oficina artesanal e da formação humanístico-religiosa da Idade Média, criando um imaginário mais laico e consciente. A educação, por sua vez, assume um papel frente à construção do homem ideal para a sociedade, um educar baseado na força, voltado à disciplina, indicando uma severidade, que mutila qualquer tipo de emoção por um realismo

Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 2, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2016.

exagerado, edificando a consciência coisificada: pessoa igualada a coisas fortemente edificadas por uma racionalidade técnica (ADORNO, 1995).

A técnica ocupa um espaço decisivo na educação e produz sujeitos altamente tecnológicos, desconciliados com a natureza do ser. Sintonizados com a tecnização, são menos influenciados, banidos do sentir, à medida que a máquina os corrompe e se torna sua identificação, ficando desconectados da humanização. Ao contrário em ser a extensão de seus braços, sendo pois o meio, o mundo-máquina se torna a autoconservação da espécie humana, revelando uma capacidade de amar absorvida pelas coisas. Procedimentos mecanicistas positivistas influenciam fortemente a concepção de estudos, o modelo de homem, os processos pedagógicos, a cultura e a formação escolar. “Através da ciência moderna, forma-se, constituindo, então, uma nova teoria da mente, uma nova visão do saber e uma nova imagem do mundo que imprimirão mudança – profunda – também no âmbito da pedagogia/educação.” (CAMBI, 1999, p. 301).

A compreensão de um condicionamento social oriundo das mais diversas esferas humanas, como a escola, a mídia, a indústria e o Estado, remete a uma cultura ideológica massificadora, que simplifica sem buscar sua essência. Traduz-se em uma formação pela barbárie, cruel, pelos horrores de Auschwitz, pelo bombardeio de Hiroshima, pela maior crise humanitária da nossa era instaurada pelas guerras, os refugiados da Síria, e até mesmo pela imposição do governo, ao tentar implantar organizações sociais, direcionar as escolas nas mãos de quem sequer passou por uma formação pedagógica, entre tantos outros acontecimentos políticos, econômicos e sociais encontrados no cotidiano.

As causas de Auschwitz, como as demais citadas anteriormente, são complexas, há por trás um sentido desumano, conseqüentemente uma não conscientização dos atos que refletem em uma falta de amorosidade, que por si só não resolve o problema, mas a intelectualidade pura também não compreendeu uma solução. Além de razões e emoções conciliadas e não disjuntas, necessitamos de criticidade, questionamentos que remetam às mais profundas raízes humanas.

A paisagem paradoxal e complexa infere perguntas: qual caminho para uma educação humana? Quais prioridades educacionais serão instauradas frente à (in)cultura massificadora? Quais os passos para não cultivar uma educação robótica,

desumana, consumista da própria natureza que integre homem-ciência-natureza? Como utilizar as tecnologias como meios e não permiti-las como dominadoras e controladoras da humanidade? Qual é a educação emancipadora do ser que percebe suas potencialidades para um bem pessoal e coletivo? Morin (2011, p. 31) levanta uma possibilidade ao falar sobre a realização de metamorfoses e propor um pensamento complexo: “Cuandoun sistema no puede resolver sus problemas vitales, se degrada, se desintegra, o bien se revela capaz de generar un metasistema que sepa tratar sus problemas: se metamorfosea”.

Porém considera que, para que aconteçam as metamorfoses, “es preciso cambiar de via (MORIN, 2011, p. 33)”. É preciso pensar complexo, e a Epistemologia da Complexidade, segundo Suanno (2015, p.12), “compreende a realidade como sendo multidimensional dada sua constituição complexa (todo e partes) e o conhecimento construído como uma reconstrução do sujeito por meio de seu nível de percepção da realidade”.

6 CONSIDERAÇÕES ATÉ AQUI

O século XX trouxe grandes utopias em relação à transformação social, reconheceu a independência e a identidade da população térrea. Mas repercutiu grandes paradoxos, quando se entende que também foi florescido por ideologias autoritárias e contrárias aos direitos humanos, conduzindo fracassos sociais, unidos por nacionalismo e fundamentalismo.

Ao iniciar o século XXI, o horizonte não é muito encorajador. Visualizam-se guerras que não têm fim, ocupações, atentados, gritantes desigualdades sociais, desemprego, racismo, crises econômicas, crise humanitária, exercendo uma exclusão social, uma precariedade laboral, perdas do direito social, violência em todos os âmbitos sociais, traçando um universo que se assemelha ao dos últimos anos do século XX.

O sentido humano em educar necessita de educadores que recorram às perguntas anteriores, a fim de intencionar e produzir uma prática fundante humanizadora. Lidar com o ser humano é entender que por natureza ele é singular, único, pois não se constroem personalidades em massa, como fazem indústrias ao produzirem suas mercadorias. Se a ideia de massificação subentender o currículo e

consequentemente a práxis, o resultante final terá desenvolvimentos medíocres, domésticas que legitimam a atual (des)ordem social, caracterizadas por ideologias sem o rosto humano e por um paradigma civilizatório que nega a vida e a natureza humana.

A conscientização movida por atitudes críticas desperta pensamentos que podem ser contrários a uma incivilidade que vise a práticas reducionistas reprodutivistas. Aprender a pensar por outros caminhos, em busca de novas visões que não se prendam a somente um aspecto, seja ele político, econômico, social, mas que abarquem a completude humana, requer esforços singulares, mas também coletivos, voltados para uma recriação de encontros, diálogos, cooperações, responsabilidades como agentes transformadores. Requer vincular o homem ao conhecimento como um ser evolutivo que ecologiza suas ações, ao entender que as atitudes de hoje gerarão vínculos com o futuro. E este homem se manifestará capacitado de um dinamismo, certo de uma complexidade dos processos que cercam o humano e o mundo. Observador das necessidades coletivas e pessoais que entrelaçam e interagem costurando uma teia indissolúvel aos contextos.

Os espaços construídos dentro da instituição escolar podem promover mudanças nos mais diversos lugares em que os seres humanos ocupam, visto que a conscientização e as respectivas interações do indivíduo singular podem despertar inúmeras visões, libertando suas ideias e formas de percepção humana e mundana.

Desmistificar o ambiente educacional de visão reducionista, pautada por esquemas de horas, de um professor, de uma disciplina reducionista. Considerar as escolas como lugares de possibilidade criativa libertária ao exercício de práticas sociais, capazes de responder às necessidades do coletivo, como também às do pessoal, é indispensável para que se potencializem as diversas formas de uma autêntica democracia. Visa-se, portanto, o desaprender de antigos perfis curricularizados funcionais, para o ingresso do saber humano. Sabe-se que se está diante de uma tarefa árdua, mas que inicia pela reflexão, que não acaba aqui.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. Estudos das ideologias e filosofias da linguagem. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencine. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- CHIBENI, S. S. “Implicações filosóficas da microfísica”. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 2, n. 2, p. 141-64, 1992. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/fisquantica.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud).
- _____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Wiesengrund. Ideologia. In: _____. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- HUSSERL, E. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. **La Vía Para el futuro de la humanidad**. Tradução Núria Petit Fontseré. Barcelona: Paidós, 2011.
- SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Fogo prometeico, reforma do pensamento e o redimensionar das práticas educativas: emergem perspectivas didáticas a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. **Revista Terceiro Incluído**, v. 5, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2015.